

# Promotor não vê crime

**GUILHERME GOULART**

DA EQUIPE DO CORREIO

O promotor de Defesa dos Usuários dos Serviços de Saúde (Pró-Vida), Diaulas Costa Ribeiro, acompanhou ontem o desfecho do drama dos pais de Rafael e João Pedro. Para ele, trata-se de um erro administrativo da equipe do Hospital Regional de Sobradinho e não de uma infração penal. "Houve uma falha no controle do hospital. Não há crime, pois não há qualquer indício de que alguém provocou o problema de forma intencional", afir-

mou Diaulas. Por enquanto, há suspeitas de que a confusão ocorreu na sala de parto ou na hora do banho dos nenês.

A comprovação do engano forçará a abertura de um procedimento no Ministério Público do Distrito Federal (MPDF). Mas Diaulas adiantou que o caso deverá ser arquivado. Pais e responsáveis pelo hospital deverão apenas assinar um documento oficial para formalizar a troca das crianças, realizada ontem após a comprovação dos exames de DNA. "Felizmente, acabou não se transformando em um caso mais

grave, como, por exemplo, se só se descobrisse a troca depois de 20 anos. Isso seria muito pior", avaliou o promotor.

## **Alerta ao poder público**

Diaulas acrescentou que a falha deve servir de alerta tanto para o poder público quanto para os pais. No caso de Haysson e João Pedro, as próprias mães descobriram que as pulseirinhas colocadas nas crianças levavam nomes diferentes. A dona-de-casa Fernanda Moreira dos Santos, 24 anos, por exemplo, identificou a confusão em casa, horas depois de receber alta do Hospital Regional de Sobradinho. "Os pais não estão isentos do controle. O Estado também precisa dessa ajuda."

Especialistas ouvidos pelo

Correio se mostraram surpresos com o episódio. O presidente da Associação de Ginecologia e Obstetrícia do DF, Frederico José Silva Corrêa, explicou que existe um procedimento padrão seguido por todos os hospitais. Segundo ele, um pediatra — às vezes, na companhia de auxiliares — recebe a criança após o parto, faz a limpeza e a ligadura do cordão umbilical e coloca as identificações no bebê e na mãe. Tudo no centro obstétrico.

Para Corrêa, também servidor do Hospital Regional de Taguatinga (HRT), o erro pode ter ocorrido durante o banho do nenê ou na enfermaria — depois de limpo, o recém-nascido fica no berçário e volta para os braços da mãe. "A troca também poderia

ter sido na hora de colocar as pulseiras de identificação. Mas, como os partos dos dois bebês tiveram horas de diferença, é provável que a falha tenha sido em outro momento", arriscou.

A gerente executiva do Sindicato Brasiliense dos Hospitais, Casas de Saúde e Clínicas, Danielle Feitosa, também desconfia que o engano existiu no banho ou no centro cirúrgico do hospital de Sobradinho. Mas não descarta a hipótese de falta de atenção na hora de preencher ou colocar as pulseiras nos meninos e nas mães — cada um recebe uma identificação com a inscrição RN, de recém-nascido, e o nome da mãe. "Fiquei surpresa com tudo isso. Claramente houve erro no procedimento."